

# A teoria literária a serviço do jornalismo: a estética da recepção aplicada ao conceito antoniano de conto-reportagem

**Leandro de Oliveira Lopes**

Jornalista graduado pelo FIAM-FAAM – Centro Universitário e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura – PPGLit, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

## Resumo

O artigo traz uma ligeira conceituação fundamental da teoria literária difundida por Hans-Robert Jauss, a estética da recepção, para depois aplicá-la, analiticamente, a três diferentes leituras de “Um dia no cais” (1968), de João Antônio. Além de estabelecer, na já longínqua relação entre a escola literária e a jornalística, outra aproximação, o objetivo deste estudo, nos alicerces daquela teoria, é mensurar a significação histórica e o valor estético de “Um dia no cais” - texto categorizado, à época, como *conto-reportagem*. A escolha do corpus de pesquisa, composto de recepções textuais datadas de, pelo menos, 40 anos depois da publicação original na revista *Realidade*, prezou por corresponderem, cada material e público escolhido, a diferentes perfis e meios de reprodução.

Palavras-chave: Estética da recepção; jornalismo e literatura; conto-reportagem.

## Abstract

This article fundamentally conceptualizes the literary theory spread by Hans-Robert Jauss, the aesthetics of reception, and then apply it analytically to three different readings of “Um dia no cais” (1968), João Antônio. The objective of this study, in foundations of that theory, is to measure the historical significance and the aesthetic value of “Um dia no cais” - text categorized as short story-report. The choice of the corpus, composed of textual receptions dated at least 40 years after the original publication, prized by match, each material and public chosen, from different profiles of readers.

**Keywords:** Aesthetics of reception; journalism and literature; short story and journalism.

## 1. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Foi em 1967, na aula inaugural do curso de Letras da Universidade de Constança, na Alemanha, que Hans-Robert Jauss principiou a estética da recepção. Muito embora o termo tenha sido utilizado em estudos ulteriores (Ferreira, 1998, p. 5), a comunidade acadêmica trabalha com o entendimento de que Jauss em muito avançou o conceito de recepção, e por isso tenha se tornado seu precursor. A miniseração, publicada em livro intitulado *A história da literatura como provocação à teoria literária*, também de 1967, fez surgir, para a crítica literária, outra perspectiva analítica. Na contramão das principais escolas em vigor até então, o marxismo e o formalismo, que davam conta, segundo Jauss, do “espelhamento da realidade social”, no caso da primeira, e “do objeto artístico”, na segunda, como “autônomo de investigação”, a estética da recepção focalizaria, como se supõe por sua nomenclatura, na recepção do leitor (Jauss, 1997, p. 4); e além, por conseguinte, na resposta dessa leitura. Para Jauss, as teorias marxista e formalista falhavam em não valorizar o leitor. “Com isso, ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito” (Jauss, 1997, p. 22).

A estética da recepção, ao atribuir significação a leitor, recepção e resposta, passa a permitir que críticos literários atuem para compreender o valor estético e também o histórico de determinado texto a partir da conjunção resultante desta relação. A “provocação à teoria literária”, do título do livro, se dá na medida em que são, na verdade, como não supunham as teorias em voga, o leitor e sua recepção a escrever, de fato, a história da literatura.

Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objeti-

vismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecidos post factum, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. (Jauss, 1997, p. 24).

Jauss estabeleceu, nos entendimentos de sua teoria, que o leitor, quando em contato com o texto literário, “como em toda experiência real”, também nesta, possui o que ele chama de “saber prévio” (Jauss, 1967, p. 28). Trata-se, neste caso, do conhecimento decorrente de leituras já experienciadas por este leitor. Esse saber, anterior à fruição literária do dado momento, cria o que o autor chama de horizonte de expectativa; que, em outras palavras, é o que o leitor, baseado noutras leituras, espera do texto a ser lido. Para Jauss, é ao “atender, superar ou decepcionar” estas expectativas que se pode mensurar o valor estético de uma obra (Ferreira, 1998, p. 5). O ideal, para sua teoria, são “obras que, primeiramente, graças a uma convenção do gênero” provocam, de maneira proposital, um certo grau de horizontes de expectativa “para, depois, destruí-lo passo a passo” (Jauss, 1997, p. 28).

Quanto à seu valor histórico, que também pode ser mensurado, Jauss propõe que sua implicação “manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra” (Jauss, 1997, p. 23). Portanto, “Jauss formula um novo conceito de leitor, onde este e a sua experiência estética são privilegiados. Assim, o leitor e a recepção que este faz de uma obra são dados a partir dos quais pode-se analisar a obra literária” (Ferreira, 1998, p. 5). É propondo renovar a maneira de se enxergar o leitor que Jauss sugere que se repense a teoria literária e a historicidade própria da literatura, pois é ao atribuir ao leitor o seu papel genuíno (Jauss, 1997, p. 23), e colocar sua recepção e resposta à frente de aspectos biográficos que se fundamentará sua teoria.

Eu vejo o desafio da ciência literária na retomada do problema da história da literatura deixado em aberto pela disputa entre o método marxista e o

formalista. Minha tentativa de superar o abismo entre literatura e história, entre o conhecimento histórico e o estético, pode, pois, principiar do ponto em que ambas aquelas escolas pararam. Seus métodos compreendem o fato literário encerrado no círculo fechado de uma estética da produção e da representação. Com isso, ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito. (Jauss, 1997, p. 22)

## 2. JORNALISMO, LITERATURA, JOÃO ANTÔNIO E REALIDADE

Tanto o jornalista quanto o escritor ficcional se utilizam da mesma ferramenta de trabalho, a palavra, e suas missões convergem, também, em contar histórias. Ainda que o primeiro seja norteado teórica e exclusivamente pelo factual e o segundo por imaginação e capacidade criativa, jornalismo e literatura misturaram-se diversas vezes ao longo dos tempos. João do Rio, jornalista e escritor, já se perguntava, em 1904: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (Vanzella, 2006). Esta relação, benéfica ou não, movimenta as redações brasileiras desde, pelo menos, os séculos XVIII e XIX, “quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público” (Pena, 2007, p. 47). A união dos dois estilos, como benefício aos donos de jornais, “proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição dos preços, o que aumentava o número de leitores” (Pena, 2007, p. 48). Já os profissionais das letras, em contrapartida, conquistavam notoriedade e elevavam seus nomes na medida em que os textos eram publicados na imprensa. A mistura entre os dois discursos, entretanto, não pode ser resumida só na atuação de mercado, já que “o termo jornalismo literário”, por exemplo, “dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado” (Pena, 2007, p. 55). Há os que o caracterizam como a publicação de resenhas literárias em jornais. Outros defendem que significa a união, em texto, de ferramentas literárias aliadas ao jornalismo comum. À um terceiro grupo, nem o primeiro nem o segundo, mas crítica de obras literárias veiculadas em jornais (Pena, 2007, p. 55).

João Antônio, de “Um dia no cais”, é exemplo dessa incógnita. Aclamado pela crítica e público já no momento primeiro da publicação de seu livro de estreia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963, foi, com a obra, vencedor do prêmio Jabuti de melhor livro de contos e considerado o autor revelação. Característica de seus textos, a mistura de aspectos jornalísticos e literários marcou sua trajetória. “A vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão esteticamente poderosa” (Bulhões, 2007, p. 187). Alguns de seus principais trabalhos como repórter/escritor foram publicados pela revista *Realidade*, da editora Abril; publicação que circulou de abril de 1966 a março de 1976 e é considerada, por causa da profundidade de suas reportagens, como o principal expoente do jornalismo literário brasileiro<sup>1</sup> - principalmente nos três primeiros anos de sua existência, período em que a equipe original permaneceu trabalhando e que ficou conhecido como o momento áureo da revista.

260

“É possível conjecturar que o Novo Jornalismo<sup>2</sup> americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966 que se notabilizaram exatamente por uma proposta estética renovadora: a revista *Realidade*, considerada a nossa grande escola da reportagem moderna e o *Jornal da Tarde*”. (LIMA, 2004: 192)

João Antônio escreveu sete textos para *Realidade* (Jorge e Barros, 2011, p. 11) (Tabela 1) e neles tratou de diferentes assuntos.

<sup>1</sup> Entenda-se (como é mais comumente tratado) jornalismo literário como a união, em texto, de aspectos oriundos dos dois estilos.

<sup>2</sup> Tradução para a expressão americana new journalism, cunhada por Tom Wolfe, em 1973, no livro *The New Journalism*. Traduzida, no Brasil, na maioria das vezes, por “jornalismo literário”. Significa, segundo Pena, “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2007: 48 – 49). Grifos nossos.

Tabela 1

EDIÇÃO	TÍTULO DA REPORTAGEM	TEMA
Outubro de 1967	Este homem não brinca em serviço	Uma noite na sinuca com jogadores paulistas
Julho de 1968	Quem é o dedo-duro	Atuação de marginais como informantes da polícia
Setembro de 1968	A morte	A relação com a morte e vários jeitos de morrer
Setembro de 1968	Um dia no cais	A vida no porto de Santos, em São Paulo
Outubro de 1968	Ela é o samba	Perfil da cantora Aracy de Almeida
Novembro de 1968	É uma revolução	Uma partida de futebol
Dezembro de 1968	O pequeno prêmio	Corridas de trote

A aliança de sua produção jornalística com o texto de ganho literário confluíram com o proposto pela publicação. No contexto de *Realidade*, e dos profissionais que lá trabalhavam, a revista surgia justamente para agregar este valor textual de qualidade literária com a reportagem.

Esta publicação revolucionou tanto pela amplitude da abordagem temática quanto pela linguagem utilizada. O jornalismo produzido por *Realidade* introduziu o segmento brasileiro de revistas de informação geral na imprensa moderna, uma vez que estava em sintonia com as tendências jornalísticas mais inovadoras, contemporâneas à revista, como por exemplo, o Novo Jornalismo. (Moraes; Ijuim, 2009, online).

O quadro político do momento de criação de *Realidade* (pós-guerra e aumento significativo do populismo) tornava cada vez mais necessária a atuação da imprensa; como se sabe, desde 1964, o Brasil estava inserido num contexto de regime autoritário. A ditadura política estremecia a relação do governo com os jornalistas e com uma nova Lei de imprensa e um presidente militar, o diálogo ficou ainda mais difícil. “Com a censura incidindo sobre as redações, eles passaram do conhecimento das regras para divulgar notícias, imposto autoritariamente, a um

estado que sabiam o que não deveria ser noticiado” (Jorge; Barros, 2011, p. 6). A principal missão de *Realidade*, então, além de sustentar a inovação em seu discurso, era resistir, harmoniosamente, com o período e suas adversidades. E a confluência entre os dois estilos, literário e jornalístico, era parte integrante dessa resistência. “O resultado foi que, como unanimemente tem registrado a crítica do período, à literatura da época coube, então, o papel de resistir politicamente às arbitrariedades dessa censura nos jornais e nos outros meios de comunicação” (Cosson, 2001, p. 16). Foi assim com João Antônio.

Ler João Antônio é participar de um jogo em que, malandramente, a fala dos marginalizados se cruza com o português-padrão, driblando o leitor desatento. Assim, encontramos, ao lado de gírias e palavras de baixo calão, estruturas gramaticais (sobretudo no que se refere às orações subordinadas) que apenas grandes mestres do idioma utilizam. (Macedo, 1997, online)

Pois foi aliando o talento de João Antônio ao espírito de liberdade criativa de *Realidade*, que lhes ocorreu, em 1968, que o autor escrevesse sobre a vida no porto de Santos (à época um dos três maiores do mundo e o maior da América Latina). Resolveu-se, daí, chamar o texto como conto-reportagem – modalidade inédita no Brasil. João Antônio, hospedado no porto durante um mês a fim de ter convívio com a realidade do lugar, escreveria, em casa, o que lá encontrasse. “Um dia no cais” foi publicado na página número 98 da edição de número 30 de *Realidade*, datada de setembro de 1968. A chamada da revista, em seu índice, anunciava: “conto-reportagem: Um dia no cais”. O texto, supostamente inaugural dessa dita modalidade, pressupõe que estejam unidos, em texto, aspectos de conto e também de reportagem. Neste trabalho, não obstante a essa questão, o que se verificará, a fim de um melhor entendimento do surgimento do “conto-reportagem”, é a recepção mesma do termo e sua repercussão.

### 3. A RECEPÇÃO: ADAPTADO DO JORNALISMO LITERÁRIO, INAUGURAL EM GÊNERO

Jauss conceituou, para a historicidade da obra

literária, três diferentes meios de estudá-la e determiná-la. O diacrônico, da recepção de uma obra na sucessão histórica, o sincrônico, da recepção num dado momento, e o relacionamento entre a literatura e a vida prática, como a função social do texto literário. Para ele, é através da confluência dos três modelos que a historicidade da literatura manifesta-se em sua totalidade (Jauss, 1997, p. 50). Neste estudo, por causa de suas limitações de tempo e espaço, priorizou-se o método sincrônico; foram destacadas leituras realizadas nos anos de 2008, 2009 e 2011 – quando “Um dia no cais” completou 44 anos de publicação. Considerou-se, também, no intuito de compreender como se deu sua recepção nos mais diversos públicos, que correspondessem, as leituras, a diferentes perfis de leitores. São eles: 1) revista jornalística, representando a visão da imprensa; 2) blog, representante do leitor comum; 3) artigo científico publicado em revista especializada, da visão acadêmica. Dá-se, então, as leituras de “Um dia no cais” que compõem esta pesquisa.

A revista *Brasileiros*, publicação conhecida, ela também – como *Realidade* –, por proporcionar, contemporaneamente, espaço para reportagens de fôlego, tratou assim “Um dia no cais”:

261

O conceito do conto-reportagem surgiu na revista *Realidade* a partir de conversas entre o editor Sérgio de Souza, que morreu este ano, e o escritor João Antônio, falecido em 1996, que também trabalhava na redação. A ideia era usar elementos de ficção para escrever uma reportagem, baseada na apuração do escritor-repórter. Era criar um texto inspirado na realidade. Segundo Mylton Severiano, o “Myltainho”, que foi editor da *Realidade* e hoje comanda a redação da *Caros Amigos*, Um Dia No Cais é o melhor exemplo do conto-reportagem no Brasil. (Fuhrmann, 2008).

É leitura, como se vê, que atribui valor ao texto de João Antônio. Leitura que o caracteriza não só como o primeiro a praticar, no Brasil, o conto-reportagem, mas também de ser, ainda hoje, o melhor exemplo da modalidade de que dispomos. A publicação da *Brasileiros*, na verdade, é mais que uma simples leitura: “Quarenta anos depois, inspirado no conto-reportagem Um Dia No Cais, do escritor João Antônio para a revista *Realidade*, o repórter da *Brasileiros* passou uma semana hospedado em um hotel na zona



portuária de Santos.” (Fuhrmann, 2008). Trata-se, a publicação da *Brasileiros*, de uma nova reportagem, inspirada no texto original de João Antônio.

Jauss diz que uma obra literária não perde seu poder de ação quando transpõe seu período de surgimento, podendo sua importância crescer ou diminuir no tempo. O novo é tido como uma categoria estética e histórica. Esta mudança não atinge só a noção de novo, mas também a noção de história da literatura, que deixa de significar uma sequência cronológica de fatos, para se fazer de avanços e de recuos. (Ferreira, 1998, p. 51).

Além de caracterizar, então, a relevância histórica e estética de “Um dia no cais”, a revista *Brasileiros* propôs-se, ela mesma, a reescrever, dando-lhe aspectos e números atuais, o texto de João Antônio.

O que se tem, um ano mais tarde, e de leitura não especializada, é outra referência elogiosa ao autor paulista. Esta será nossa segunda recepção. No blog “João Antônio: vida e obra”, mantido por administrador virtual denominado apenas por Isaac – que se declara estudante de jornalismo do 8º período da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) –, em postagem denominada “Um dia no cais”, de dezembro de 2009, numa linguagem informal, diz:

O escritor e jornalista João Antônio trabalhava como redator-chefe do caderno de Cultura do Jornal do Brasil em julho de 1965 quando foi convidado pelo amigo Paulo Patarra para participar da equipe fundadora de Realidade (1966 – 1976). Foi nessa revista da editora Abril, influenciada pelo *new journalism* e especializada em tratar de temas tabus no Brasil dos anos 60, onde João Antônio inaugurou o gênero conto-reportagem no país. (Antonio, 2009).

Isaac, nosso leitor, completa, abrindo aspas a Sérgio de Souza, editor de texto de *Realidade*, numa entrevista que este teria concedido: “Apostar em um conto-reportagem poderia descredibilizar qualquer coisa que publicássemos [...] Era cortar na carne a tênue linha que separa fato e ficção” (Antonio, 2009). Destaca-se, dessas passagens: o termo, conto-reportagem, atribuído de maneira inaugural a João Antônio, dando a texto e autor caráter inventivo uma vez mais; e a aceitação, de fato, que havia, ali, união de dois discursos textuais diferentes: literário e jornalístico, fato e ficção – relação, diga-se, de suposta

influência do estilo norte-americano denominado *new journalism*.

Como dito neste mesmo estudo, Jauss articula uma sequência de recepções da seguinte maneira: “A historicidade da literatura não repousa numa conexão de fatos literários estabelecidos post factum, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores” (Jauss, 1997, p. 24) e, além, “numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração” é que decide, para o autor, “o próprio significado histórico de uma obra” (Jauss, 1997, p. 23). É por isso que, para encerrar a cadeia de recepções de que tratamos aqui, como única que ainda nos resta tratar, atentemos, agora, à academia.

A visão acadêmica que leremos, de artigo científico intitulado “Repórter-marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na Revista Realidade, entre 1966 e 1968”, de 2011, de autoria de Thais de Mendonça Jorge, doutora em comunicação, e Bruna Renata Cavalcante de Barros, à época mestranda em comunicação, apresentado no VIII Encontro Nacional de História da Mídia<sup>3</sup>, traz, quanto às questões levantadas por este estudo, o caráter inaugural e inventivo do termo conto-reportagem. Há trecho, com aspas e citação de Mylton Severiano da Silva, de *Paixão de João Antônio*, que diz, sobre o caráter inaugural do gênero: “Durante os entendimentos com Realidade, nasceu da cabeça do editor de texto Sérgio de Souza o gênero conto-reportagem. João Antônio saía da redação com uma pauta e cobrir, e escrevia em casa” (Silva, 2005, p. 64-65 *apud* Jorge; Barros, 2011, p. 10). E, sobre uma suposta influência de discurso do jornalismo literário norte-americano, diz:

Seja batizando a escrita de João Antônio como conto-reportagem, seja abrindo o leque das pautas que ele escolhia como material de trabalho, seja prestando atenção a um modo particular de exercer o jornalismo, vemos, pois, que João Antônio assumiu o papel de representante de um novo estilo, que nos Estados Unidos mostrava características semelhantes. Os personagens e

3 Realizado de 28 a 30 de abril de 2011 em Guarapuava, no Paraná. Neste ano o Encontro Nacional de História da Mídia celebrou sua décima edição na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, entre os dias 03 e 05 de junho.

situações talvez não tenham muita afinidade com o Novo Jornalismo descrito por Wolfe, mas isso apenas demonstra como um mesmo estilo ou um punhado de técnicas pode ser absorvido atendendo-se às configurações da cultura local. (Jorge; Barros, 2011, p. 12).

Vê-se, novamente, o *new journalism* como influência inata do estilo, e, quase que na contramão, uma natureza de invenção e inauguração do gênero conto-reportagem. Características impregnadas, pelo que se viu das recepções aqui abordadas, em “Um dia no cais”. Como a recepção “enriquecer-se de geração em geração” é determinante para mensurar o valor histórico de determinada obra, o que se encontra, de “Um dia no cais”, são características suficientes para aferir, nos entendimentos da estética da recepção, sincronicamente, e gabaritado pelos leitores do texto, que João Antônio é autor do primeiro conto-reportagem brasileiro, e por aí, diga-se, tem-se muito de seu valor histórico explicitado. Além disso, há, também, certa relação com o *new journalism* norte-americano – atribuído à revista *Realidade* e carregado, neste caso, por João Antônio.

#### 4. HORIZONTES DE EXPECTATIVA E O CONTO-REPORTAGEM

Até o momento da publicação de “Um dia no cais”, em 1968, não se ouvia nada a respeito de conto-reportagem. O termo, que pressupõe que se misturem, num único texto, aspectos de conto e de reportagem, era, até ali, desconhecido. Não havia, portanto, qualquer expectativa em relação a modalidade. Como se viu no começo deste estudo, vale lembrar, a estética da recepção trabalha com a concepção de que, baseado por leituras precedentes, o leitor fruidor possui repertório prévio e, com ele, formula suas expectativas em relação ao que está prestes a ler. Disse-se, também, que é na medida em que essas expectativas são atendidas ou frustradas que se pode medir, então, o valor estético da obra. Pois como medi-lo se é novo, desprovido de leituras prévias? Primeiro, para que se comece este raciocínio, diga-se, segundo Jauss, que “a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio”, mas sim, valendo-se de “sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira

bastante definida” (Jauss, 1997, p. 28).

Nesses preceitos, então, no já referido *História da Literatura como provocação à Teoria Literária*, Jauss referendou assim, casos como esse:

A possibilidade da objetivação do horizonte de expectativa verifica-se também em obras historicamente menos delineadas. E isso porque, na ausência de sinais explícitos, a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética iminente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas no contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. (Jauss, 1997, p. 29).

Analisemos, pois, as três possibilidades levantadas pelo autor alemão.

A primeira, que dá conta de uma poética que concerniria ao gênero, nos dá, então, uma única saída. A expectativa do leitor de “Um dia no cais”, no momento de seu lançamento, estaria fundamentada nas premissas de, respectivamente, conto e reportagem. E, embora não seja esse o intuito deste estudo, é possível presumir que esperassem, os leitores, se fosse este o caso, por uma junção incomum. Assume-se, por conto, ainda que de maneira, digamos, ingênua, que seja ficcional; ao contrário da reportagem, é claro, que se supõe factual. A união desses dois modelos, portanto, em relação a suas missões e objetivos, pareceria impossível – pareceria caminhar, inclusive, em contraposição total, como se verá adiante, à terceira possibilidade levantada por Jauss neste mesmo raciocínio (comparação entre o ficcional e o real). Da segunda, “da relação implícita com obras conhecidas no contexto histórico-literário” (Jauss, 1997, p. 29), temos, já, um caminho. O leitor de *Realidade*, que em 1968 já estava em seu terceiro ano de publicação, é municiado, no contexto mesmo da revista, por obras que trabalhavam com aquela mistura entre o discurso literário e o jornalístico. Esta era, como já dito, uma marca. O que não nos faz concluir, entretanto, que no momento de sua

publicação se refletia conscientemente tal relação. A renovação do discurso de suas reportagens era óbvia. O entendimento de seu público, porém, agravado por aquele contexto, era ainda embrionário. Mesmo embora, diga-se, sua característica textual fosse conhecida, e um grande sucesso.

O primeiro número surge em abril do ano seguinte [1966], com mais de 250 mil exemplares e se esgota em três dias. A partir daí, a ascensão da revista foi fulminante, surpreendendo seus próprios editores. Em fevereiro de 1967, quase um ano após seu lançamento, Realidade chegava a uma tiragem de mais de 500 mil exemplares. (Faro, 1999, p.13)

Nessa perspectiva, portanto, o que se esperava do conto-reportagem, a partir das duas possibilidades de que tratamos, é que continuasse, de maneira geral, a temática aglutinadora daqueles discursos (literário e jornalístico) e que, em suma, tentasse trabalhar numa união de seus dois gêneros predecessores (conto e reportagem), o que, já vimos, seria missão – aparentemente – inexecutável.

264 À terceira possibilidade, oposição entre o ficcional e o real, soma-se a relação que jornalismo e literatura mantêm ao longo dos tempos. O termo jornalismo literário, que não poucas vezes aparece nos estudos de *Realidade*, é exemplo definitivo que essa “possibilidade de comparação” (Jauss, 1997, p. 29), antes mesmo de servir como elemento formador de horizonte de expectativa é, na verdade, elemento textual.

O que se conclui dessa linha de pensamento é que o conto-reportagem, no momento de sua publicação, pressupunha, àqueles que se dedicavam a sua leitura, uma inovação. A expectativa que nele se depositava, trata do discurso aglutinador de *Realidade* e de uma junção, digamos, impraticável. Aí estão, em evidência, fatores suficientes para que se determine o valor estético de “Um dia no cais”, uma vez que seus horizontes de expectativa, por ocasião mesmo de sua inventividade, foram absolutamente afastados e destruídos, como pedira Jauss.

“Um dia no cais” não é só mais um texto de *Realidade*, mas sim, aproximação textual de conto e reportagem: “Os dados documentais entram dis-

simuladamente na história e o texto aproxima-se tanto do conto, que incorpora até fluxos de consciência dos personagens” (Sodré; Ferrari, 1986, p. 81). “Um dia no cais” tem, por essência, uma confluência do real com o inventivo, do factual com o ficcional. “No texto, não fica muito claro o que é apuração e o que foi criado. As duas prostitutas (Rita Pavuna e Odete Cadilague), por exemplo, parecem a fusão de várias pessoas que foram observadas na apuração” (Fuhrmann, 2008). Ainda, entretanto, lembremos: “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (Jauss, 1997, p. 25). O fato mesmo, portanto, de refletirmos sobre “Um dia no cais”, é elemento, também, de seu valor. O fato de ser reescrito, como fez *Brasileiros*, e de ser considerado inaugural, como fizeram as outras duas recepções aqui apresentadas, dão-lhe, como pedia Jauss, mais que conexões de “fatos literários” (Jauss, 1997, p. 24).

Nos entendimentos da estética da recepção, pondo em linhas finais o que se apresentou neste estudo, diz-se:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (Jauss, 1997, p. 4-5).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas que relacionem, num mesmo termo, conto e reportagem, encontrarão referências a João Antônio e “Um dia no cais”. A estética da recepção, de Jauss, em seus conceitos de horizonte de expectativa e historicidade da literatura, ajuda a compreender o porquê destas citações. A teoria permite que sejam determinados, na medida da recepção e resposta dos leitores, os valores estéticos e históricos de obras literárias – neste caso, jornalístico-literária. Dadas as recepções aqui estudadas, e considerando-

-se, também, o horizonte de expectativa dos leitores em relação ao conto-reportagem, pode-se aferir que da mesma maneira em que a junção textual de jornalismo e literatura é tratada, no Brasil, na ampla maioria dos estudos, como influência do movimento norte-americano denominado *new journalism*, parte da recepção de “Um dia no cais” enxerga, também nesta publicação, a mesma influência. Seu caráter inovador, entretanto, é unânime. “Um dia no cais” tornou-se, a partir de suas recepções, referência desta nova modalidade. Mesmo a despeito de ser, essa confluência de jornalismo e literatura, já estabelecida há muito tempo, e haver, então, possibilidade de, noutros autores, também contistas e também repórteres, existir elementos suficientes para que seus textos fossem denominados conto-reportagem, João Antônio e “Um dia no cais” são, mais uma vez, por historicidade de sua literatura e recepção de seu conteúdo (definidos pelos leitores), primeiros e inaugurais. As expectativas prováveis do público leitor e as indagações e intenções daqueles que idealizaram o estilo colaboram para que não seja, como definia Jauss, obra “culinária” (Jauss, 1997, p. 32); mas, em contrapartida, que destrua, pouco a pouco, seus horizontes. Estas inferências, que se deduzem graças a uma teoria literária, acrescentam outra maneira de se relacionar jornalismo e literatura. Esta união se faz, desta vez, através da aplicação teórica e analítica de uma, na recepção de outra. É a multiplicidade desta relação, sempre dinâmica, atuante uma vez mais. A teoria literária a serviço do jornalismo. O leitor, como parte fundamental de todo o processo, como definidor da qualidade e história de obras, dessa vez, jornalística. Diga-se, como referendou Jauss, o leitor em seu papel genuíno.

## REFERÊNCIAS

- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007
- COSSON, Rildo. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora UnB, 2001
- FARO, J. S. *A imprensa brasileira e a revista*

*Realidade*. 1999. Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/Jos%C3%A9%20S.rtf>> Acesso em 28 setembro 2015

FERREIRA, Raquel Terezinha Rodrigues. *Marguerite Duras no Brasil: aspectos da recepção crítica*. 1998. 121 f. Dissertação (Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 1998 Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77942>> Acesso em 28 setembro 2015

FUHRMANN, Leonardo. “Outras noites no cais”. *Revista Brasileiros*. 2008. Disponível em <http://brasileiros.com.br/2008/11/outras-noites-no-cais/> Acesso em 28 setembro 2015

JAUSS, Hans-Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1997

JOÃO ANTÔNIO: VIDA E OBRA. *Um dia no cais*. 2009. Disponível em <http://joaoantonio-isaac.blogspot.com.br/2009/12/um-dia-no-cais.html> Acesso em 28 setembro 2015

JORGE, Thais de Mendonça. BARROS, Bruna Renata Cavalcante de. *Repórter marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na revista Realidade, entre 1966 e 1968*. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, 2011. Guarapuava – PR. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos> Acesso em 28 setembro 2015

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*. Barueri: Editora Manolê, 2004

MACÊDO, Tânia Celestino de. “João Antônio, esse (des)conhecido”. *Proleitura, Assis*, v. 01, n. 17, p. 04-04, 1997. Disponível em <http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/jantonio.htm> Acesso em 28 setembro 2015

MORAES, Vaniucha. IJUM, Jorge Kanehide. *Jornalismo de profundidade: o jornalismo literário de Realidade (1996 – 1968)*. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. Publicação Acadêmica de Estudos



sobre Jornalismo e Comunicação. Disponível em [http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos12\\_d.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos12_d.htm) Acesso em 28 setembro 2015

PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 43 – 58, 2007 Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/349>> Acesso em 28 setembro 2015

SILVA, Mylton Severiano da. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. Summus Editorial, 1986.

VANZELLA, Camila. “A saga dos jornalistas escritores”. *Revista PJ:Br Jornalismo Brasileiro*. 6ª ed. 2006. Disponível em [http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6\\_d.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6_d.htm) Acesso em 28 setembro de 2015.

266

Recebido em 12 de abril de 2016.  
Aprovado em 16 de julho de 2016.

# Incêndio na Boate Kiss em Santa Maria: a cobertura jornalística regional e global

## Vanessa Oliveira

Jornalista. Mestranda em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

### Resumo

Este texto pretende discutir os tensionamentos entre o regional e o global na cobertura do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, que ocorreu no dia 27 de janeiro de 2013. Utilizaram-se relatos de profissionais tanto da TV Santa Maria, quanto do jornal *Diário de Santa Maria*, bem como as fotografias publicadas em capas de jornais internacionais, a fim de problematizar e ilustrar essa discussão. Constatou-se que a cobertura internacional se constituiu, inicialmente, pelo trabalho de atores regionais que, portanto, contribuíram com uma perspectiva regional ao material publicado em escala global. No entanto, é preciso lembrar que, se de um lado o olhar era de atores regionais, de outro, as técnicas empregadas na cobertura jornalística foram globais.

**Palavras-chave:** Jornalismo, Boate Kiss, Regional, Global.

### Abstract

This article intends to discuss the tensions between regional and global coverage in fire at *Boate Kiss* in Santa Maria, which took place on 27 January 2013. It was used reports professionals both TV Santa Maria, as the newspaper *Diário de Santa Maria*, as well as the photos published on the covers of international newspapers in order to discuss and illustrate this discussion. It was found that international coverage was constituted initially by the work of regional actors therefore contributed to a regional perspective to material posted on a global scale. However, it must remember that if on one side the look was of regional actors, on the other, the techniques used in media coverage were global.

**Keywords:** Journalism, Boate Kiss, Regional, Global.

### 1. INTRODUÇÃO

O incêndio na boate *Kiss*, ou a *Tragédia de Santa Maria*, como ficou conhecido, ocorreu na madrugada de 27 de janeiro de 2013, no centro de Santa Maria, município do interior do estado do Rio Grande do Sul. Morreram, ao todo, 242 jovens. O incêndio teve início durante um show. Em determinado momento, um dos músicos da banda acionou um sinalizador do qual as faíscas alcançaram a forração acústica da boate, originando o incêndio. O fogo se espalhou rapidamente, a fumaça tóxica liberada pela forração asfixiava as pessoas e a saída era comprometida em decorrência da estrutura do *Kiss*<sup>1</sup>.

Santa Maria é um município da região central do Rio Grande do Sul, com população estimada em 274.838 habitantes e distante 290km de Porto Alegre, capital do estado<sup>2</sup>. Uma particularidade do município é sua população flutuante de estudantes universitários. São mais de 35 mil alunos, distribuídos nas sete instituições de ensino superior e 350 cursos de graduação<sup>3</sup> oriundos de diversos municípios do Rio Grande do Sul e até mesmo de outros estados. Esse fato colaborou para a grande comoção que ultrapassou os limites do município<sup>4</sup>, e gerou repercussão nas diferentes escalas, da regional à internacional. A força do evento em termos de impacto, aliados a outros critérios de noticiabilidade, colaboraram para

1 Essas informações vêm dos inúmeros relatos feitos por testemunhas e veiculados de forma massiva pelos veículos de comunicação na época.

2 Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2014, disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br).

3 Informações obtidos no site da agência de Desenvolvimento de Santa Maria, no endereço eletrônico: [adesm.org.br/santa-maria](http://adesm.org.br/santa-maria).

4 Santa Maria possui uma população flutuante de jovens, na faixa etária das vítimas do incêndio na Boate Kiss, por se tratar de uma cidade universitária.

267